

Tatiana Bukowitz

**IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE
O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Grupo de Trabalho 07

**Práticas pedagógicas:
experimentações, teorias e metodologias
para o ensino de Sociologia na Educação Básica**

**ADINKRAS, DIÁLOGO ANCESTRAL:
PESQUISA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA ESCOLA**

São Paulo, São Paulo
2025

ADINKRAS, DIÁLOGO ANCESTRAL: PESQUISA, ANÁLISE E INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NA ESCOLA

Tatiana Bukowitz ¹



*Nkyimkyim.*²

Contorções.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar o processo de construção coletiva de uma exposição artística e pedagógica dentro da Biblioteca Escolar Maria de Fátima Prôa Melo, no Campus Centro do Colégio Pedro II. A exposição tem como título “Adinkras: diálogo ancestral”, e é composta por trabalhos criados por estudantes das três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II desta instituição escolar, desde propostas de pesquisa e estudo nas aulas de Ciências Sociais no ano letivo de 2024. A comunicação oral e o texto a ele relacionado visam explicitar o panorama geral destas experiências educacionais que se iniciaram no 1º dia de aula e encerram-se no último dia letivo escolar de 2024, com a finalização da montagem da intervenção artística na referida biblioteca escolar. Assim sendo, no trabalho completo será possível percorrer o conjunto de atividades que compuseram o processo. Os Adinkras são grafismos dos povos Ashanti e Akan, habitantes ancestrais e atuais da região que atualmente é conhecida como Gana. Devido à diáspora africana, muitas pessoas desta região chegaram ao território que hoje é chamado de Brasil. Os ganeses Ashanti e Akan trouxeram consigo vasta tecnologia e muitos conhecimentos, incluindo sua profunda cosmopercepção, contida nos grafismos Adinkra. O trabalho é um convite ao mergulho neste universo afro-referenciado para analisar e enfrentar de modo crítico as condições materiais de existência indignas em que vive grande parte do proletariado brasileiro atualmente.

Palavras-chave: Críticas à colonialidade; Educação afro-referenciada; Sociologia escolar; Pedagogia decolonial; Intervenção artística escolar.

¹ Professora efetiva do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, Campus Centro (Rio de Janeiro, RJ), mulher cisgênero não binária, possui doutorado no Programa de Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – RJ, atikawaii@hotmail.com.

² O grafismo refere-se ao termo *Nkyimkyim*, palavra do idioma *twi*, adotado por milhões de pessoas ainda nos dias atuais, fazendo parte da rotina da comunicação de grande parte da população ganesa que tem como origem os povos Ashanti e Akan. De modo mais direto, pode ser sintetizado pelo termo “contorções”. Refere-se à capacidade de suportar e superar dificuldades, à adaptabilidade, à habilidade de desempenhar vários papéis, à possibilidade de transformação pelo movimento, à dialética, ao dinamismo que possibilita a continuidade das coisas através das mudanças. O Adinkra *Nkyimkyim* foi escolhido como epígrafe para este trabalho por muitos motivos. *Nkyimkyim* remete, imediatamente, à qualidade das pessoas que resistiram aos quase intransponíveis desafios impostos pela diáspora africana. *Nkyimkyim* alude ao movimento da água que penetra nas frestas e busca sua possibilidade de capilaridade e penetração, ganhando novos espaços. *Nkyimkyim* é habilidade notória do proletariado em sua necessária ação dialética ao enfrentar o capitalismo enquanto sistema sociocultural, político e econômico.

INTRODUÇÃO

O ano de 2025 é digno de festividades marcantes: estamos celebrando o centenário da presença da Sociologia na escola básica no Brasil, e isso teve seu marco inicial nas salas do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, com professores da chamada 1ª geração de docentes catedráticos desta disciplina, tal como Carlos Delgado de Carvalho³. Apesar dos grandes benefícios trazidos pelo Colégio Pedro II como instituição educacional de excelência, sabe-se que este espaço, bem como o todo da história da educação escolar de nosso país é contemplada pelas conhecidas características de uma história colonialista, machista, aristocrática, classista e elitizada. Enfrenta-se até hoje o desafio da efetiva democratização do acesso e da permanência de estudantes das camadas proletárias e racializadas na educação básica, no ensino técnico profissionalizante e na educação superior.

As tão conhecidas como necessárias Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008, que visam ampliar a assimilação respeitosa das contribuições étnico-raciais dos povos originários e dos descendentes da chamada diáspora africana são um imperativo, especialmente no chamado “colégio imperial”, que leva o nome de Dom Pedro II, e possui brasões espalhados pelo seus diferentes *Campi* localizados na cidade do Rio de Janeiro. O Campus Centro, por ser o Campus histórico e mais antigo do Colégio Pedro II traz em seu seio esta identidade imperial de modo ainda mais marcante. Como enriquecer o espaço escolar com elementos que trazem à tona saberes de povos ancestrais que tiveram suas trajetórias, memórias e saberes soterrados pelo etnocídio? Visando trazer à tona elementos representativos de saberes e tecnologias ancestrais de povos submetidos à diáspora africana é que nasce, em 2024, o projeto “Confluência de saberes, aprendizagem de sociologia y críticas à colonialidade: as contribuições de estudantes para estratégias de intervenções na realidade”, caracterizado por um conjunto de atividades pedagógicas que têm seu início nas salas de aula de três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, na disciplina escolar de Ciências Sociais, e que têm sua culminância numa atividade integrada de todos seus integrantes, um ano depois, no espaço em que reunimos muitos saberes sistematizados na forma de livros publicados – mas onde ainda não havia a presença dos Adinkra como elementos que mereciam ser conhecidos como referência para a composição de uma cosmopercepção mais plural de nossa comunidade escolar.

³ Vide excelente artigo intitulado “Contribuição para a memória do ensino de Sociologia: trajetórias de artífices do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II”, publicado em 2022, na Revista Perspectiva Sociológica, de autoria dos pesquisadores Carlos Eduardo Oliva C. Rêgo, José Amaral Cordeiro Jr., Paloma Maria Rodrigues Augusto e Roberto Mosca Jr.

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo mencionar, introdutoriamente, o processo de construção coletiva de uma exposição artística e pedagógica dentro da Biblioteca Escolar Maria de Fátima Prôa Melo, no Campus Centro do Colégio Pedro II. A referida exposição tem como título “Adinkras: diálogo ancestral”, e é composta por trabalhos criados por estudantes das três turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II desta instituição escolar, desde propostas de pesquisa e estudo nas aulas de Ciências Sociais no ano letivo de 2024. A comunicação oral e o texto a ele relacionado visam explicitar o panorama geral destas experiências educacionais que se iniciaram no 1º dia de aula e encerram-se no último dia letivo escolar de 2024, com a finalização da montagem da intervenção artística da referida biblioteca escolar. Assim sendo, este trabalho constitui o primeiro esforço de descrever, sinteticamente, o conjunto das etapas que constituíram o percurso das variadas atividades que compuseram o processo, ou seja:

a) caracterização das atividades de rotina realizadas em sala de aula com as turmas de 8º ano incluindo a apresentação dos grafismos Adinkra e aspectos da cosmopercepção trazidos por eles (o que é uma inovação de repertório e linguagem dentro da rotina escolar, pois não faz parte do programa obrigatório, mas foi trazido como proposta original para sensibilizar as turmas a entrarem em contato com elementos afroreferenciados);

b) a abordagem curricular obrigatória relacionada às dinâmicas do trabalho proletário no contexto do capitalismo globalizado desde a perspectiva marxista;

c) as orientações da atividade de avaliação obrigatória proposta para as três turmas de 8º ano nas aulas de Ciências Sociais (interrelacionando Adinkras com as condições materiais de existência e de resistência do proletariado precarizado no cenário do Brasil atual);

d) a possibilidade de composição de um grupo de estudantes⁴ bolsistas e voluntários/as no âmbito do Programa de Monitorias (oportunizado pela Coordenação de Ensino Médio) e do Programa de Iniciação Científica Júnior (doravante PIC Jr.) do Colégio Pedro II, o que é oportunizado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGEPEC), núcleos a quem agradecemos pelo incentivo e fomento;

⁴ Colaboraram ativamente no trabalho acima descrito, constituindo o grupo de estudantes bolsistas e voluntários/as do PIC Jr e Monitoria no Ensino Fundamental II: Naomi Vargens Barria, Gabriela Alencar dos Santos Oliveira, Arthur Laurentino dos Santos, Arthur Bruno da Luz Ramiro Veiga Rodrigues e Samuel Braga Fidelis de Oliveira; e, do Ensino Médio, Nicolas Martins Moreira. O empenho e compromisso deste grupo merece máximo respeito e reconhecimento. Apenas com a dedicação e presença constante de cada um/a deles/as é que pudemos lograr êxito no processo de análise, aprofundamento de estudos e curadoria das obras criadas pelas três turmas de estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental até, finalmente, a montagem da exposição artística-pedagógica. Efetivamente, há de se mencionar a absoluta relevância das obras originais criadas pelos estudantes destas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental no ano letivo de 2024, pois nelas está o néctar que nutre a referida exposição artística pedagógica.

e) o processo de formação científica destes estudantes bolsistas e voluntários dentro da perspectiva de críticas à colonialidade (um grupo de estudantes multisseriados durante seis meses do ano letivo de 2024);

f) o desenvolvimento das atividades do projeto de pesquisa intitulado “Confluência de saberes, aprendizagem de sociologia y críticas à colonialidade: as contribuições de estudantes para estratégicas intervenções na realidade”;

g) a culminância das atividades integradas do grupo de estudantes bolsistas e voluntários/as na construção de uma exposição de cunho artístico e pedagógico, sendo todo o processo orientado por princípios e saberes relacionados aos grafismos Adinkra, aos quais acessamos desde a obra intitulada *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos* (NASCIMENTO & GÁ, 2022);

h) a descrição do conteúdo da referida intervenção artística na biblioteca escolar, mencionando as dinâmicas coletivas de nossos encontros semanais, durante os quais foram definidas tanto a composição estética como a localização dos trabalhos criados pelas turmas de estudantes de 8º ano.

O conjunto de atividades realizadas e aqui descritas fazem parte de um processo de experimentação de novas metodologias de aprendizagem-ensino-aprendizagem, tendo como principais referências: a obra de bell hooks (e, mais destacadamente, *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*); a cosmopercepção ancestral contida nos grafismos Adinkra que pudemos acessar desde a obra *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*, organizada por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá desde as pesquisas realizadas pelo professor ganês Anani Dzidzienyo; as reflexões, as estratégias de enfrentamento da realidade e as propostas de análise tecidas na forma de oralidade (e/ou oralidade impressa) pelo indígena Ailton Krenak e o quilombola Antônio Bispo dos Santos (o chamado Nêgo Bispo, que já se encontra na ancestralidade, mas que deixou vasto legado registrado na forma de vídeos e *podcasts* gravados).

É necessário reiterar que a abertura da exposição “Adinkras: diálogo ancestral” foi realizada dia 11 de junho de 2025 (vide Imagem 1), há menos de uma semana da redação deste texto. A finalização dos elementos centrais da montagem da exposição ocorreu em 06 de junho de 2025, havendo ainda alguns detalhes a serem ajustados. A solenidade de abertura simbólica da exposição artística pedagógica foi marcada pela participação dos estudantes bolsistas e voluntários do projeto e pela presença de dois professores que se dedicam a pesquisas sobre temas afro-refenciados, tais como negritude, diáspora composição familiar interracial e estudos étnico-raciais no Brasil: Prof. Dr. André Passos (Departamento de língua Portuguesa) e Prof.

Me. Doutorando Arthur Baptista (Departamento de História), além da professora organizadora que atuou como mediadora da atividade. Haja vista o grande investimento de tempo necessário para finalizar a montagem da exposição e o preparo desta solenidade, este trabalho estará apresentando apenas as linhas gerais do que constituiu a nossa trajetória coletiva. Em uma próxima oportunidade, pretendo discorrer com maior minúcia sobre as etapas “a” até “h” citadas nesta introdução.

METODOLOGIA

Os Adinkra são grafismos dos povos Ashanti, habitantes ancestrais e atuais da região que atualmente é conhecida como Gana. Devido à diáspora africana, muitas pessoas desta região chegaram ao território que hoje é chamado de Brasil. Os ganeses Ashanti trouxeram consigo uma vasta tecnologia e muitos conhecimentos, incluindo sua profunda cosmo percepção, contida nos grafismos Adinkra. O trabalho é um convite ao mergulho neste universo afroreferenciado.

No início do ano letivo de 2024 as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II foram apresentadas aos grafismos Adinkra nas aulas de Ciências Sociais. Entraram em contato com o livro “Adinkra: sabedoria em símbolos africanos”, organizado por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, valorizando as pesquisas que o professor ganês Anani Dzidzienyo (1941 – 2020) realizou sobre o tema. Em aulas subsequentes, as turmas de 8º ano foram convidadas a relacionar graficamente e textualmente três elementos:

- ➔ aspectos das condições materiais de existência do proletariado no Brasil atual;
- ➔ as suas estratégias de resistência às adversidades; e
- ➔ um dos grafismos Adinkra juntamente ao conteúdo a ele relacionado.

O resultado foi o conjunto de 22 obras originalmente criadas por estes estudantes, apresentadas em papel de tamanho A3, às quais foram estudadas, analisadas, tiveram seu conteúdo textual digitado e elas em si, dispostas na biblioteca escolar, dialogando provocativamente com um grande quadro do Imperador Dom Pedro II localizado no centro de uma de suas paredes (trata-se do Campus histórico e original do Colégio Pedro II, uma instituição educacional tradicional centenária, contendo benesses e também traços limitantes relativos a um perfil marcado por traços da composição sociocultural hegemônica).

Neste processo educacional da rotina das aulas de Ciências Sociais, temas curriculares do 8º ano nas Ciências Sociais (relações sociais de produção desde a perspectiva marxista) foram vinculados à abordagens do Sul Global. Valorizou-se intelectuais que criticam o projeto

colonial patriarcal sexista eurocentrado, tal como recomenda Antônio Bispo dos Santos, em *A terra dá, a terra quer* (2023).

DESENVOLVIMENTO E REFERENCIAS TEÓRICOS

O processo de estudo e planejamento prévio e durante as atividades de rotina educacional direcionado às turmas de 8º ano do Ensino Fundamental incluíram um preparo diferenciado, perpassando pelas obras de Nilma Lino Gomes: *Cultura negra e educação*, (2003); Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá: *Adinkra: sabedoria em símbolos africanos*, (2022); Cerqueira e Santana, em seu artigo *Os Adinkras: ideogramas das tribos africanas* (2021); a contribuição de William Ribeiro, com o texto *Sobre a didatização adinkra no Brasil: por uma educação multicultural, radicalmente democrática* (2024); a obra de Luiz Rufino: *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019); o interessantíssimo artigo de Lau Santos que forneceu elementos ricos para a construção de uma rotina de trabalho e de uma interação interpessoal no grupo desde uma abordagem estética e performática afroreferenciada desde o texto: *Do Oríki à Elinga: princípios negro-brasileiros de atuação e encenação* (2022); o trabalho muito bem organizado de Camargo, Teruya e Souza em seu texto: *Os símbolos Adinkra como artefato visual e cultural* (2024).

A partir dos trabalhos criados pelos estudantes, pudemos elementos críticos e afro-referenciados para compor o espaço da biblioteca escolar e dialogar com os saberes hegemonicamente presentes em forma de escrita eurocentrada segundo os cânones do conhecimento científico e literário acadêmico do chamado Norte Global.

Após todo um conjunto de reuniões semanais realizadas ao longo de oito meses, foram criados textos de apresentação dos 22 trabalhos originais de autoria dos estudantes. Logo na entrada, o primeiro trabalho disposto na exposição abre caminho. Sessenta e quatro delicadas Sankofas dão boas-vindas a quem se aproxima. Junto a esta arte, dispomos os seguintes dizeres:

“SANKOFA é o grafismo Adinkra escolhido para estar na entrada de nossa biblioteca. Por quê? Pois o princípio contido em Sankofa recomenda que o presente resgate e valorize experiências do passado para construir um futuro próspero. A ave Sankofa olha para trás buscando suas referências. Nós estamos com ela no processo coletivo do resgate de saberes ancestrais trazidos por povos de muitas etnias e

por seres que coabitam o planeta conosco. Todo nosso trabalho escolar é possível por causa de ação coletiva e integrada.”⁵

Logo em seguida, um segundo texto caracteriza o teor geral do que está disposto nas laterais da estantes de livros:

Aqui é uma biblioteca centenária. Ela é a casa de muitos saberes. Agora ela também passa a ser a morada de saberes milenares. Se achegue! Axé!

Os ADINKRA são grafismos ancestrais dos povos Ashanti, habitantes ancestrais e atuais da região que atualmente é conhecida como Gana. Devido à diáspora africana, muitas pessoas desta região chegaram ao território que hoje é chamado de Brasil.

Os ganeses Ashanti trouxeram consigo uma vasta tecnologia e muitos conhecimentos, incluindo sua profunda cosmopercepção, contida nos grafismos ADINKRA.

Convidamos você a mergulhar conosco neste universo afroreferenciado. Vamos lá!

No início do ano letivo de 2024 as turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II foram apresentadas aos grafismos Adinkra nas aulas de Ciências Sociais.

Entraram em contato com o livro “Adinkra: sabedoria em símbolos africanos”, organizado por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, valorizando as pesquisas que o professor ganês Anani Dzidzienyo (1941 – 2020) realizou sobre o tema.

As turmas de 8º ano foram convidadas a relacionar: aspectos das condições materiais de existência do proletariado no Brasil atual; as suas estratégias de resistência às adversidades; e um dos grafismos Adinkra.

O resultado é o conjunto de obras originalmente criadas por estes estudantes, apresentadas aqui na nossa biblioteca.

Neste processo, temas curriculares do 8º ano nas Ciências Sociais (relações sociais de produção desde a perspectiva marxista) foram vinculados à abordagens do Sul Global.

Valorizou-se intelectuais que criticam o projeto colonial patriarcal sexista eurocentrado.

Visando superar o especismo, todos os seres são reconhecidos como fonte de conhecimento, como fonte de aprendizado: isto favorece a integração orgânica e confluyente entre todos os seres.

Esta é uma exposição artística e pedagógica. Ela foi cuidadosamente estruturada desde o trabalho integrado de duas equipes de Sociologia: o PIC Jr. (Programa de Iniciação Científica Jr.) e a Monitoria. Integrantes das equipes se debruçaram sobre o conteúdo estético, simbólico, cultural e sociológico das obras originais feitas por estudantes de 8º ano, valorizando sua criatividade e análise da realidade.

Examinando as obras, as alocamos em espaços especiais, aproximando as que dialogam entre si por temáticas complementares. Assinalamos com verde os trabalhos com Adinkras relacionados a elementos da natureza. Os demais receberam composição na cor laranja.

Abaixo de cada grafismo está seu conteúdo na língua twi e, em seguida, o cerne de seu ensinamento em português. Sugerimos um percurso de visita (vide numeração 1 a 18) apresentando, inicialmente, Adinkras basilares segundo o nosso sentir - por isso abrimos o caminho com SANKOFA. Finalizamos o trajeto proposto com AKOMA

⁵ Quando e se possível for, uma versão mais completa deste texto poderá apresentar imagens do espaço escolar, acompanhadas de legendas descritivas.

NTOASO: nosso convite à comunhão de princípios, à unidade no pensamento, na ação e no coração.

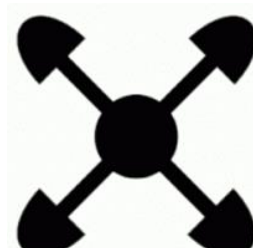
Assim, visando superar o especismo, todos os seres foram reconhecidos como fonte de conhecimento, como fonte de aprendizado, o que favorece a integração orgânica e confluyente entre todos os seres.

O processo das atividades avaliativas propostas para as turmas de 8º ano foi anunciado de culminar em uma exposição artística e pedagógica. Os estudantes das turmas se animaram e se engajaram a realizar a atividade artística e de pesquisa. As obras criadas foram cuidadosamente analisadas pelo grupo integrado das duas equipes de Sociologia: o PIC Jr. (Programa de Iniciação Científica Jr.) e a Monitoria. Integrantes das equipes se debruçaram sobre o conteúdo estético, simbólico, cultural e sociológico das obras originais feitas por estudantes de 8º ano, valorizando sua criatividade e análise da realidade. Examinando as obras, as alocamos em espaços especiais, aproximando as que dialogam entre si por temáticas complementares. Assinalamos com verde os trabalhos com Adinkras relacionados a elementos da natureza. Os demais receberam composição na cor laranja. Complementarmente aos trabalhos criados pelos estudantes, alocamos uma reprodução do referido grafismo Adinkra segundo consta no livro de Nascimento e Gá (2022) e, complementarmente, de modo destacado, foi apresentado seu conteúdo na língua twi e, em seguida, o cerne de seu ensinamento em português.

Coletivamente, criamos o que chamamos de “percurso sugerido” de visita (indicado em uma discreta numeração ao lado do Adinkra a que se refere cada trabalho, de 1 a 18, vide Imagem 5) apresentando, inicialmente, o que consideramos como Adinkras basilares segundo o nosso sentir. Abrimos o caminho com SANKOFA, que nos ensina que “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás” e escolhemos finalizar o trajeto proposto com AKOMA NTOASO: nosso convite à comunhão de princípios, à unidade no pensamento, na ação e no coração.



SANKOFA



AKOMA NTOASO



Imagem 1: Aspecto geral do convite do evento de abertura simbólica da exposição (assinado pela professora organizadora). Evento especialmente destinado ao conjunto de estudantes das três turmas de 8º ano em 2024 (9º ano em 2025) como retribuição afetiva à dedicação que tiveram ao criar as obras



Imagem 2: Aspecto do ícone idealizado em sonho pela professora organizadora, tecnicamente materializado no aplicativo Canva pelos dois integrantes mais jovens da equipe de bolsistas de PIC Jr e Monitoria, detalhadamente refinado em trabalho coletivo presencial de toda equipe.



Imagem 3: Aspecto do certificado especialmente criado, com um conjunto selecionado de grafismos Adinkra na lateral direita, visando oficializar a contribuição da participação de cada integrante da roda de conversa como palestrante, valorizando a oralidade, o preparo para o diálogo frontal e sensível com o público presencial.



Imagem 4: Aspecto da parte frontal (1/3 à direita), parte de trás (centro) e 2ª aba (1/3 à esquerda) do folheto crisado para apresentar, sintetizar e acompanhar a exposição.

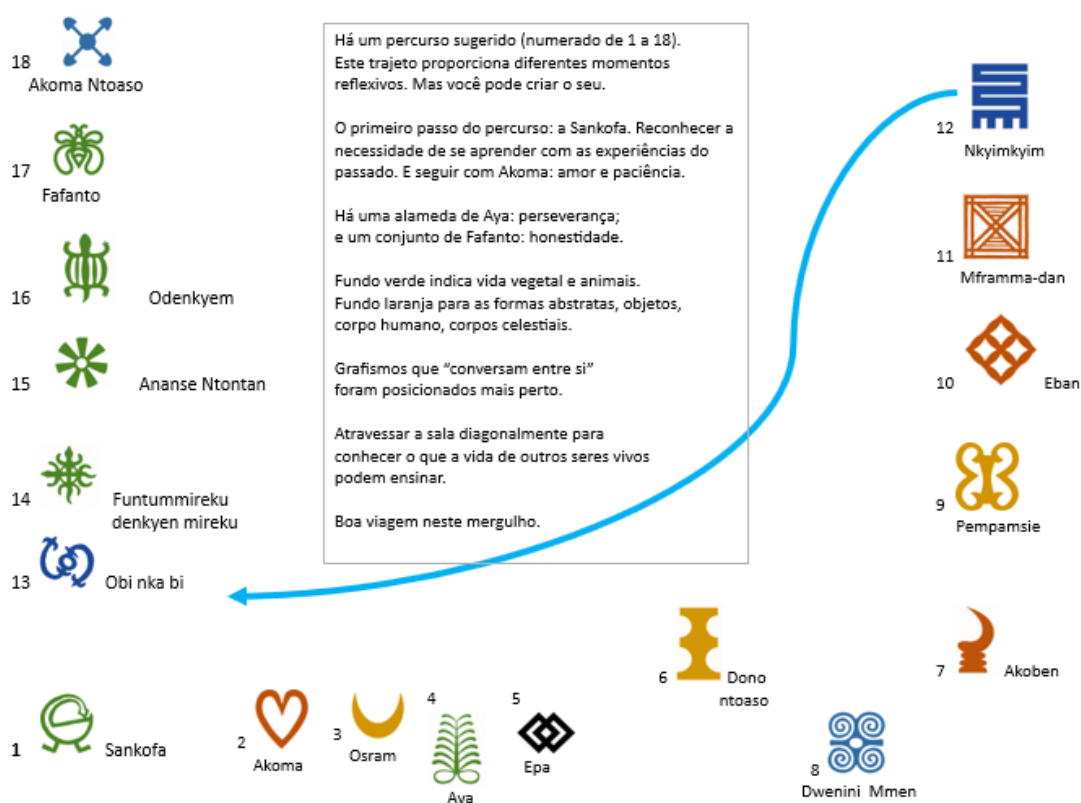


Imagem 5: Aspecto interno do folheto indicando, por meio da numeração, o percurso sugerido aos visitantes, fazendo menção às cores que categorizam e fundamentam a tecnologias de vida trazida pelos Adinkras.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência que objetivamos apresentar indica que a escola básica e estudantes do Ensino Fundamental II são capazes de desenvolver trabalhos originais, alinhados com elementos afroreferenciados, dialogando com teoria sociológica clássica, quando motivados e bem orientados dentro de propostas que estão comprometidas com a realização de críticas à colonialidade.

Em 2025, a abertura da exposição artística pedagógica intitulada “ADINKRAS: DIÁLOGO ANCESTRAL” vem a comemorar os 100 anos do ensino de Sociologia no Colégio Pedro II – 1925 – 2025, o que é também os 100 anos da presença da Sociologia escolar em todo o Brasil. Este centenário é um marco histórico de uma trajetória coletiva de resistências, perseverança, trabalho qualificado e comprometido com a educação pública, laica, em convergência com os Direitos Humanos. Saudamos o centenário com um ícone comemorativo criado coletivamente pelas equipes de PIC Jr e Monitoria de Sociologia de 2024 (vide Imagem 2). A nossa biblioteca centenária que é a casa de muitos saberes, agora também passa a ser a morada de saberes milenares.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, A. A terra dá, a terra quer. São Paulo: **Ubu Editora / Piseagrama**, 2023.

GOMES, N. L.. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira De Educação**, (23), 75–85, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. Educação democrática. In: CÁSSIO, Fernando (org.). Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: **Boitempo**, 2019. p. 199-207.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

NASCIMENTO, E. L.; GÁ, L. C. (org). Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: **Pallas**, 2022.

PEREIRA DE CERQUEIRA, C. L.; DE SANTANA, M. Os Adinkras: Ideogramas das tribos africanas. **Anais do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/AnaisPPGDCI/article/view/7562>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

REGO, C. E. O. *et. al.* Contribuição para a memória do ensino de Sociologia: trajetórias de artífices do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. **Revista Perspectiva Sociológica**, n.º 29, 1º sem. 2022, p. 51-77. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/88642850/3689_10398_1_SM-libre.pdf?1657945520=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCONTRIBUICAO_PARA_A_MEMORIA_DO_ENSI_NO_DE.pdf&Expires=1750128298&Signature=ZdSHWJPCAvdSTfMhEV6NIP7-0C-F5JUk3T0Hb~mGKDyR14d0eQOeUsrboVWHfQYenPQbJ~DYtmVM-fGuAaXakGTyZEQx4CSxHr8KMgrNx6U7XfVu6lZKdq3-b6DDWV2ld60p2ZDMYJAo~obMbFS3Aqm53CLSN1Wqyagtj8yre49I0W8pjBJ1p0s4Y4BuTzpmNuv5rk-1eaobeMZTUpmXRw1LFA2c4wQYW2H9ve0woq7scaKvVaxNLB-nvmes0j4X2ln1BSZyZow~W28Zm0P2DKUDdIP5xGAFPfber7LbnSBNv1ZWXnr0Y8uXYuac6W0R7epYeWESLhhq9hxoHNtNqA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RIBEIRO, William de Goes. SOBRE A DIDATIZAÇÃO ADINKRA NO BRASIL: POR UMA EDUCAÇÃO MULTICULTURAL, RADICALMENTE DEMOCRÁTICA. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 325–349, 2024. DOI: 10.12957/riae.2024.73885. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73885>. Acesso em: 1 maio. 2025.

RUFINO, L. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro, **Mórula Editorial**, 2019.

SANTOS, L.. Do Oríki à Elinga: princípios negrobresileiros de atuação e encenação. **Revista Brasileira De Estudos Da Presença**, 12(4), e121971, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-2660121971vs01>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

SANTOS DA SILVA MONTEIRO DE CAMARGO, J.; PEREIRA DE SOUZA, I.; KAZUKO TERUYA, T.. Os símbolos Adinkra como artefato visual e cultural. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 29 n. 2, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.18316/recc.v29i2.10267>>. Acesso em: 28 abr. 2025.